



AL.EM MARCHA

Alfama é Marcha

para além da marcha

curadoria: Carlos Cabral Nunes



BAIRROS e ZONAS
de Intervenção
Prioritária de Lisboa



21 de Outubro a 16 de Dezembro, 2017
Perve Galeria | Núcleo Contemporâneo, Alfama
Sociedade Boa União | Núcleo Histórico, Alfama



Quadro de ardósia marcando a giz as datas em que Alfama foi vencedora das marchas de Lisboa. Escrito para motivar os marchantes no dia da competição em 12 de junho de 2017 no Centro Cultural Dr. Magalhães Lima. | foto: Cabral Nunes

Prólogo expositivo

“Al.em Marcha”, com tradução possível para “Alfama em Marcha”, pretende sugerir uma reflexão que vai “Além da Marcha” e se prende com a necessidade de refletir sobre manifestações populares que tendem a desaparecer ou descaracterizar-se se a cultura contemporânea e os artistas, poetas, músicos, etc, não se apropriarem desses registos e os recontextualizarem à luz de conceitos actuais para desenvolverem formulações que possam interpelar as pessoas, o público, de forma surpreendente, renovando o interesse e o discurso dessas manifestações. Isto, a par com a descaracterização que está a ser operada no seio do próprio centro histórico, com a massificação do turismo a afastar a população local que é quem tem assegurado a continuidade destas manifestações. Por outro lado, também serve de reflexão sobre a forma como estas manifestações foram usadas e apropriadas

pelos poderes políticos, antes e depois do 25 de Abril e a forma como podem (devem?) autonomizar-se. Por fim e essa é uma ideia mais de fundo, a necessidade de preservação de uma memória e de um legado que possa ser dialogante com as novas práticas artísticas e se possa converter em várias formulações objectivas como: um acontecimento Bienal em torno desta manifestação da cultura popular complementada pela intervenção contemporânea de artistas que possibilitem uma continua reformulação e desafio; a criação de um espaço permanente museológico que vá albergando as diferentes criações e o legado destas manifestações; candidatar esta manifestação a património imaterial nacional e, eventualmente, internacional. Penso que com isto já poderá ter-se uma ideia do que a “Al.em Marcha” pretende ser e qual pode ser o papel de cada artista na sua construção.

As marchas de Alfama primeiros premios das «Festas da Cidade 1934-1935 e a infantil de S. Miguel, realizam hoje, pelas 22 horas, a volta ao seu bairro, percorrendo o seguinte itinerario: ruas Guilherme Braga, Vigario e Remedios, calçada do Museu de Artelharia, largo dos Caminhos de Ferro, rua Jardim do Tabaco Campo das Cebolas, rua dos Bacalhoeiros, rua da Madalena, Sé e rua S. João da Praça.



Cartaz da Marcha Popular de Alfama 1989



Fernando José Francisco - Portugal (biombo em miniatura)
Técnica mista s/ madeira, 60x35cm, circa 1950

Al.em Marcha

No que diz respeito à organização do processo expositivo, ele está dividido em 3 partes: a primeira apresenta um histórico das Marchas Populares, tal como foram apresentadas/apropriadas nas fases sucessivas entre os anos de 1930 e a actualidade, com recurso a material de arquivo e documentação variada. A 2^a parte, é composta por uma recolha imagética/fotográfica da mais recente edição das Marchas em Lisboa, acompanhando o percurso da Marcha de Alfama que, curiosamente e bem a propósito, ganhou a competição este ano. As fotografias acompanham todo o processo de preparação dos marchantes e do desfile, na Avenida da Liberdade, até ao regresso a Alfama, tudo feito entre a tarde e noite de dia 12 de Junho, seguindo-se a captação dos momentos de consagração da Marcha, já vencedora, desfilando no seu bairro, para gáudio da população, no entardecer de dia 16 de Junho. A 3^a parte, é a que reúne a resultado artístico da reflexão que os vários autores convidados fizeram, a partir de Julho deste ano, sobre este fenómeno popular.

A presente exposição decorre de um convite feito pela APPA - Associação do Património e População de Alfama, para que o Colectivo Multimédia Perve, associação sem fins lucrativos que é responsável pela direcção artística da Perve Galeria, fizésse a organização de uma mostra

passível de integrar o conceito que foi objecto de apoio da Câmara Municipal de Lisboa ao abrigo do programa Bip-Zip e que teve a seguinte sinopse, realizada pelo atelier Mob, parceiro da APPA, neste projecto:

Participantes no desfile das Marchas Populares desde o 1º ano (1932), os moradores do Bairro de Alfama mobilizam-se, reúnem-se e participam colectivamente na realização da sua marcha. Durante os meses que antecedem Junho, vivem intensamente os Santos Populares e partilham esse momento com todos (e são tantos!) que os visitam. Durante o resto do ano, porém, Alfama atravessa um processo de descaracterização provocado pelo envelhecimento da população, a fuga dos jovens do bairro ou a sua permanência numa situação de desocupação e marginalização a par de um agressivo processo de turistificação onde a identidade local e popular tende a ser substituída pela reprodução de uma tradição para “turista ver”.

As marchas populares, a par do Fado e das suas características urbanas, são parte fundamental da identidade do bairro, contrariando o isolamento e a descaracterização a que os movimentos urbanos em torno do imobiliário e da hotelaria vão provocando.

Entendidas como processo e não apenas como um produto final, as Marchas consubstanciam um elemento aglutinador da comunidade, intergeracional, mas efémero. A um curto período de grande actividade, segue-se o regresso ao quotidiano isolado, marcado pelas dificuldades económicas que a elevada taxa de desemprego acentua. No final do Verão, os moradores de Alfama desmobilizam, dispersam e desaparecem as suas músicas, os seus trajes, os seus arcos, parte do seu património, as suas memórias. Perde-se parte de um património que deve ser preservado e valorizado. Perde-se parte da sua identidade colectiva.

O Projecto “Alfama é Marcha” visa promover o envolvimento da comunidade de Alfama na valorização do seu património cultural, material e imaterial, através da consolidação de um espólio significativo da realidade das Marchas Populares no bairro a devolver à população na forma de exposição e documentário.

O envolvimento de toda a população do bairro na recolha de documentos testemunhos de antigos e actuais participantes sobre a Marcha de Alfama visa fortalecer os laços de pertença à comunidade - pelos que nela residem ou já residiram - com o objectivo de que esta tenha um papel mais activo na consolidação e preservação da sua cultura e simultaneamente se mantenha vivo o espírito da Marcha ao longo de todo o ano enquanto processo aglutinador e inclusivo com o objectivo de fortalecer a identidade do bairro a partir das suas práticas colectivas e populares.

A exposição que resultará deste processo contribuirá para a promoção e divulgação das Marchas de Alfama enquanto marca de uma identidade local, desde as suas origens até aos dias de hoje, mostrando a sua importância para a comunidade e para a história cultural do bairro, enquanto processo transgeracional que envolve toda a comunidade e abrindo espaço à reflexão sobre o futuro das Marchas Populares.

Carlos Cabral Nunes



Ai que linda Alfama
Da marinhagem,
Velha equipagem
das antigas naus,
Página de ouro
Da nossa História,
Degraus de glória
São os teus degraus
Altares de sonhos
De quem se preza
Lâmpada acesa
Pelas mãos da Fé,
Lisboa é tua,
E assim, doa a quem doa
Minha Alfama, olha Lisboa
Que bonita que ela é !



Iº Lugar na competição de 1999
Tema: Mar e Calçada Portuguesa

Organização: CCML | Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça



Iº Lugar na competição de 2000
Tema: Ouro nas Varinas Portuguesa

Fonte:As Minhas Marchas de Carlos Mendonça

Reconectando as artes à cultura popular

O ponto de partida para o desafio proposto foi, em primeiro lugar, com o João Ribeiro, de religarmos a arte e a manifestação popular que as Marchas corporizam. O João, na sua habitual forma de ser e estar, aceitou imediatamente o desafio e começou a sugerir nomes, práticas artísticas e a acrescentar ideias à ideia inicial, estimulando-me a prosseguir caminho, incentivando-me a mais amplamente sonhar este projecto.

De tal forma assim foi que, aqui chegados, me sinto na condição de co-curador, ficando ele meu parceiro na aventura de ir “além da marcha”, entrando pelos domínios sacrossantos da Arte feita dádiva e deslumbramento mas sempre com a base cantada, desfilada, dessa manifestação popular, das marchas que nos conectam com um passado já a todos os níveis distante, que urge reformular para se tornar futuro perene, manifestação outra daquilo que somos e queremos ser.

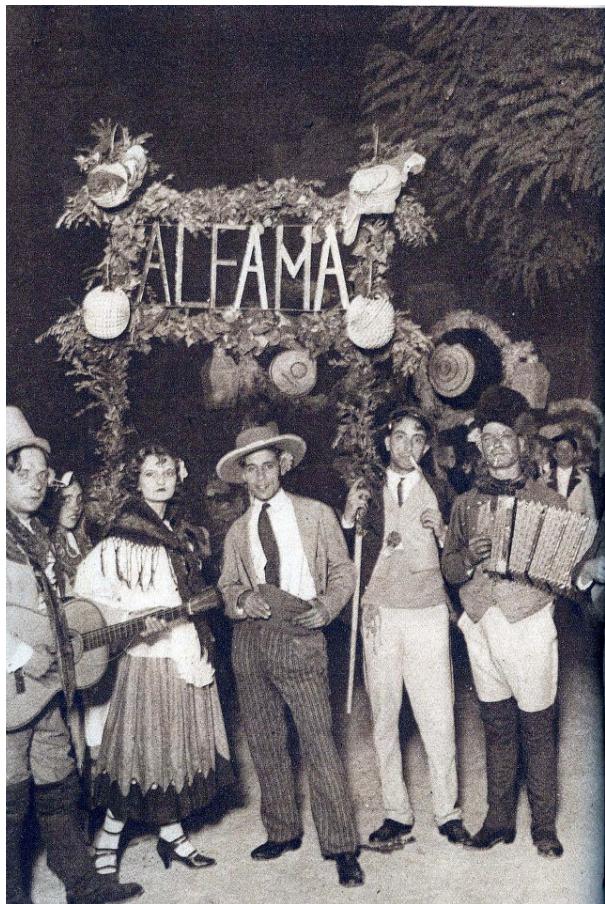
Há, no futuro, um insondável curso de rio, uma matéria afirmando-se nova, novamente. Só os vindouros saberão dizer da validade deste gesto aqui iniciado. Só a eles caberá saber se valeu a pena. A nós, aos deste tempo, restamos esta tentativa de dizer presente e de, nisso, reerguermos um lugar onde a arte seja aliada das gentes e da cultura popular, não sua inimiga ou opositora.

Esta exposição foi preparada segundo duas concepções agregadoras. A 1^a, patente na Sociedade Boa União, faz uma análise retrospectiva, tendo por base a pesquisa e recolha documental realizada pela APPA e pelo Atelier MOB, a par com a coleção da Casa da Liberdade - Mário Cesariny, para evidenciar um legado histórico e obras cuja temática se relaciona com a imagética que as Marchas proporcionaram. A 2^a, muito desafiadora, patente na Perve Galeria, é realizada a partir das próprias Marchas, tendo os artistas sido convocados a criarem obras originais que permitissem apontar caminhos futuros para essas ligações, entre a visualidade artística e a fenomenologia que as próprias Marchas serão passíveis de convocar e estimular.

Carlos Cabral Nunes



Cruzeiro Seixas
Sem título
Óleo s/ cartão, 32,5x23cm, 1962



2º Lugar na competição de 1932
Organização: Leais amigos | Fonte: Diário de Lisboa - 12 e 13 Junho (geral)



1º Lugar na competição de 1940
Organização: SBU (Sociedade Boa União) | Fonte: APPA



Iº Lugar na competição de 2005
Tema: Floristas e Marinheiros Portuguesa
Organização: CCML; Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça | Gazeta de Santo Estevão



2º Lugar na competição de 2003
Tema: Alfama Rainha dos Arraiais Portuguesa,
Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça | Organização: CCML



José Escada - Sem título (um cravo para a Liberdade - a Cesariny)
Técnica mista s/ papel, 30x30x10cm, 1974



3º Lugar na competição de 1950

Organização: SBU | Diário de Lisboa - 13 de Junho (geral)



2º Lugar na competição de 1952

Tema: "(...) marinheiros de galeotas reais, raparigas figurinos de capote e lenços (...)" DL
Organização: SBU | Diário de Lisboa - 12 e 13 de Junho (geral)



2º Lugar na competição de 1947

Tema: "(...) marinheiros de galeotas reais, raparigas figurinos de capote e lenços (...)" DL

Organização: SBU | Fonte: Diário de Lisboa - 12 e 13 de Junho (geral)



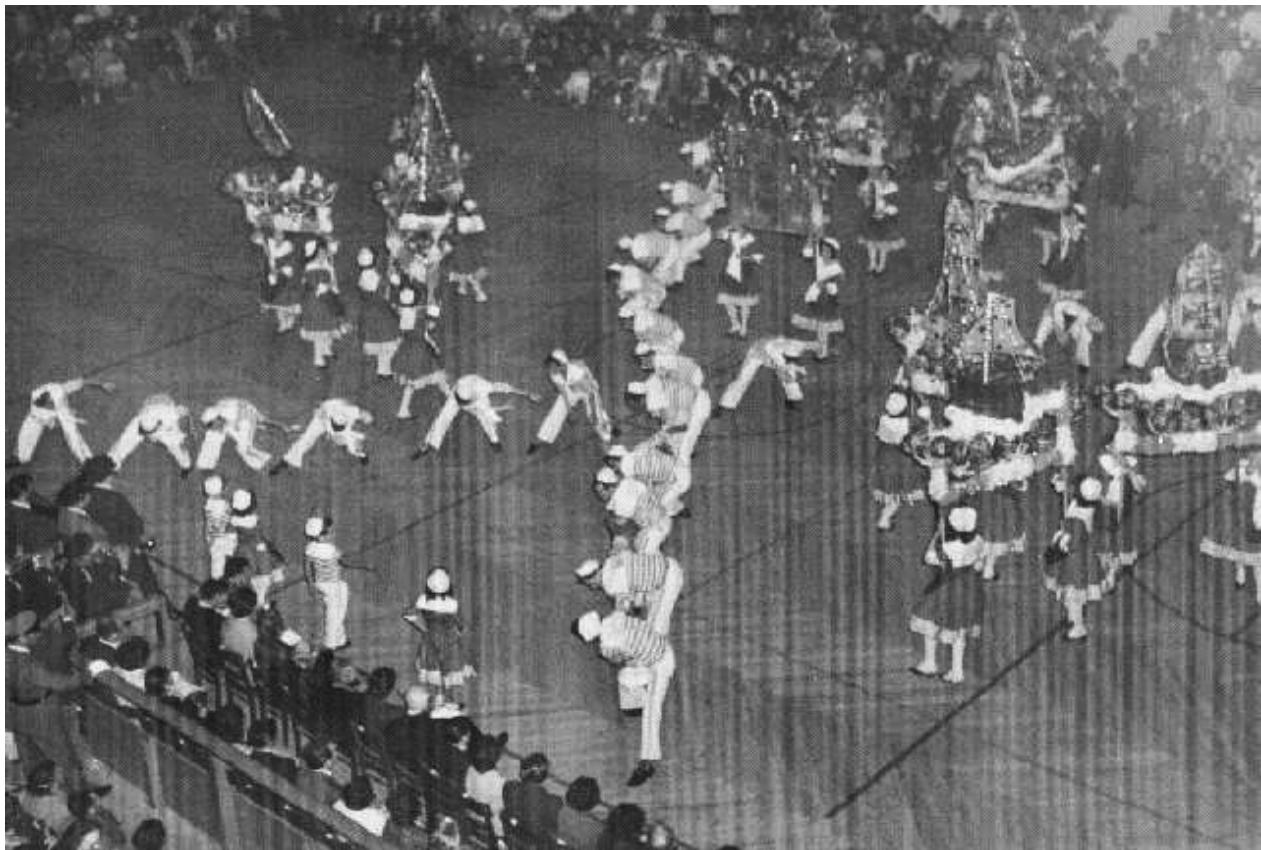
Iº Lugar na competição de 2006

Tema: Alfama, Arraial de Lisboa Portuguesa

Organização: CCML | Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça | Revista Oficial de Alfama | Revista Oficial das Marchas Populares



Francisco Relógio - Flores e Pássaros, 1983
Tapeçaria em ponto d'Arraiolos, 215x180cm



2º Lugar na competição de 1963

Organização: SBU | Diário de Lisboa - 13 de Junho (geral)



Pancho Guedes - Família vegetal, Têmpora s/papel 51X73cm, 1974



Iº Lugar na competição de 2007
Tema: Alfama e As Suas Gentes Portuguesa
Organização: CCML | Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça | Revista Oficial de Alfama



Manuel Figueira - O Bêbado, Guache s/ papel, 31x41cm, 1996



9º Lugar na competição de 1964

"Quem nunca viu Lisboa, não conhece, verdadeiramente, a alma desta cidade (...)" D L

Organização: SBU | Diário de Lisboa - 12 de Junho (geral)



Autor: Mistério

Arte popular, dimensões variáveis (entre 10 e 20 cm),
n.d. / circa anos 1950 a 1980



2º Lugar na competição de 1970
Séc. XIX Lasiradores da Brigada Real e Mulheres do Povo D L
Organização: SBU | Diário de Lisboa - 12 e 13 de Junho (Geral/Alfama)



Fernando Aguiar - Maremoto, Óleo s/ tela, 65x51cm, 1973



2º Lugar na competição de 2008
Tema: Alfama de Varinas e Marinheiros Portuguesa,
Organização: CCML | Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça | Gazeta de Santo Estevão



Manuel Figueira - 'Pesando o peixe (estudo para tapeçaria)
Guache s/ papel, 24x22 cm, 1978



2º Lugar na competição de 2008
Tema: Alfama de Varinas e Marinheiros Portuguesa
Organização: CCML | Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça | Gazeta de Santo Estevão



Sérgio Santimano - Sem título - Ilha de Moçambique
Lambda (impressão digital), 60x40cm, n.d.



Iº Lugar na competição de 1990

Alfama Mourisca e Marinheira

Organização: CCML | Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça





João Ribeiro - Deusa Águeda de Jesus e Amigos, Téc. mista s/ tela, 80x60cm, 2015



2º Lugar na competição de 1991

Alfama Rainha dos Arraiais

Organização: CCML | Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça



1º Lugar na competição de 1993

Alfama das Sardinheiras

Organização: CCML | Fonte: As Minhas Marchas de Carlos Mendonça



Regina Frank - Collection Moral & Tautologique, fotografias de performance realizada na Perve Galeria em 2016, dim. variáveis



Iº Lugar na competição de 2010

Tema:Alfama de Filigrana

Organização: CCML | Fonte:As Minhas Marchas de Carlos Mendonça | Revista Oficial das Marchas Populares | Revista Oficial de Alfama



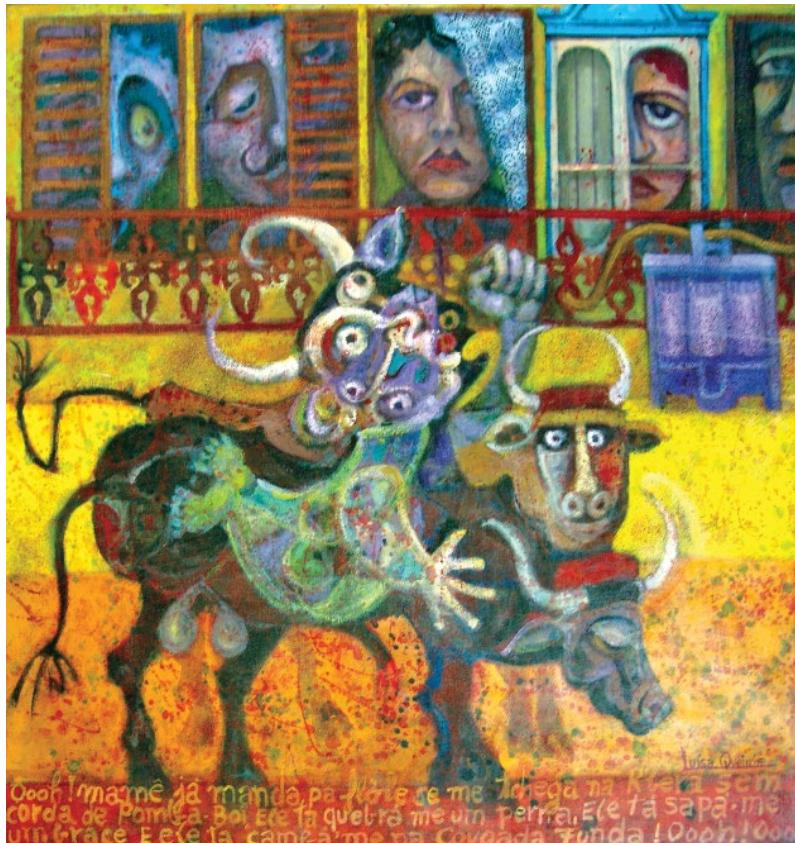
Sónia Aniceto - Surveillance, Óleo s/ tela e bordado ponto livre, 110 x 98cm, 2014



Iº Lugar na competição de 2013
Tema: Al-Hamma, Gentes de Trabalho
Organização: CCML | Fonte: Revista Oficial de Alfama



2º Lugar na competição de 2015
Tema: Ruas e Vias de Alfama
Organização: CCML; Fonte: Revista Oficial de Alfama



Luísa Queirós - Colá Boi, Acrílico e colagem s/ tela, 65x65 cm, 2004

21世紀へ はばたく関西

関西国際空港開港記念 '93御堂筋パレード

10月10日(日) 午前11時スタート
会場 大阪・御堂筋 (雨天決行)

国際マーチング・民族芸能祭

10月9日(土) 午後4時~7時
大阪城ホール及び周辺
会場／大阪市 深・田舎あさき

第1部 国際マーチング・ページェント

(出展) オハイオ州立大学吹奏楽団(米国)
大阪府福島高等学校吹奏楽部(長崎)
第三高等学校吹奏楽部(鹿児島)
ドラム＆ビューグル部(兵庫)
近畿大学吹奏楽部(大阪)
組合管弦楽団(株)女子吹奏隊(東京)

第2部 世界の民族芸能ハイライト

(出展) 酒田北斎太鼓・大鶴子(山形)・よさこい道子踊り(高知)
尼前福島玄蕃太鼓(長崎)・第四五番組まつり(鹿児島)
天神祭(福岡)・工業高等専学校吹奏楽部(新潟)
全世界ハンドクラリネットコンクール(米国)
ローズズイング(米国)・ミスボーリー水上クイーン(米国)
ハワイアン・エンターテイメント(米国)
リストボン・マジシャン・ポルトガル
レガシーナ・サンバ・ド・ソウル(リオ)
サンバチーム(ブラジル)
民族舞踏(シンガポール・マレーシア・インドネシア・マカオ)他

特別出演

アイ・ジ・ジョイ・鶴川ひろこ・和楽童子
ファイブ・オーストラリア

大阪城ホール周辺イベント

- 展示「テーマガート・弘前ねねた(青森)
- 阿波湖御神幸式(秋田)・くすだまつり(石川)
- 御津波駕籠行列(10時から先着順・無料・気象条件により中止)
- 鉄鼓舟実演

入場無料 但し、入場整理券が必要です。

入場整理券券面方法

入場券背面の「仕事券」欄に、会員登録名を記入して頂けます。会員登録名を記入して頂いた場合は、会員登録料金を免除されます。

(4)入場券預入金額(仕事券)と(5)お支払いの申込金額が明記のものと
一致する場合は、会員登録料金を免除(5)お支払いの申込金額(仕事券)と(4)入場券預入金額(仕事券)と(5)お支払いの申込金額が明記のものと
一致する場合は、会員登録料金を免除

(6)JTBホール・西日本賞
■JTBホール・西日本賞
・ジャパンハイヤードラム部(大阪府) アペア 1組
・東芝賞 ■東芝賞
・アシックス賞
・スヌードル賞
・ホテル日航大阪賞 ダイアモンド アペア 1組
・富士写真フィルム賞
カメラ 1組

*出展者の都合により、予めお断りされる場合もあります。 詳しくは会場でご確認ください。

御堂筋(ハーバード)に参加した、海外でのマーチングパレードと日本のマーチングパレードによる華やかなページェント。
海外の民族舞踏団も参加しパレードとは、ひと味違った楽しさをお届けします。

10月11日 月 午後1時~3時 万博記念公園「自然文化園」一帯 (雨天の場合は大阪南ホール)

ジョイントコンサート

御堂筋(ハーバード)に参加した、海外でのマーチングパレードと日本のマーチングパレードによる華やかなページェント。

海外の民族舞踏団も参加しパレードとは、ひと味違った楽しめます。

第1ステージ 自然文化園・太陽の広場
第2ステージ 自然文化園・平和の広場

出展 オハイオ州立大学吹奏楽団(米国)
全世界ハンドクラリネットコンクール(米国)
ハワイアン・エンターテイメント(米国)
リストボン・マジシャン・ポルトガル
レガシーナ・サンバ・ド・ソウル(リオ)
吹田市立中学校合唱部(大阪)
大阪府立淀川工業高等専学校吹奏楽部(大阪)
大阪府立淀川工業高等専学校吹奏楽部(大阪府)
箕面市立中学校吹奏楽部(大阪)
酒田北斎太鼓・大鶴子(山形)
明治学院高等学校吹奏楽部(大阪)
関西大学花連団吹奏楽部・パント・ワーリング部(大阪)

入場無料

但し、自然文化園の入園料:大人150円・小人70円が必要です。



Marcha de Alfama no Japão, 1993

Imprensa



Expresso do Oriente,
Grande Lisboa, nº135,
Junho de 2017

Alfama vence Marchas Populares

A Marcha de Alfama voltou a vencer o concurso das Marchas Populares de Lisboa, depois de já ter conseguido o ano passado. O Bairro Alto alcançou o 2º lugar e em 3º ficou a Madragoa.

Foi mais uma vez uma noite grandiosa, a noite reina da Festa da Cidade. Cerca de 15 mil pessoas saíram à noite para todos os bairros e milhares foram os que se deslocaram à Avenida da Liberdade para ver passar a marcha do seu coração ou apenas para olhar um olhar curioso, mesmo sem torcer.

As marchas em competição eram 20, como tem sido habitual, mas três extra-competicão (a marcha mais lenta, a Voz do Operário, a marcha dos Marinheiros e a do Bem) e outras três competições das marchas representativas de Viseu, de Leiria e de Quarteira.

O júri avaliou os postos de cada bairro, assim os prémios de melhor figurino e melhor musicalidade. No segundo lugar, o Bairro Alto arrecadou 237 pontos, além do prémio de melhor desfile na Avenida. Afchar o podio, a Madragoa totalizou 228 pontos e o Terreiro do Paço 227.

Nas restantes categorias, o melhor coreografo foi para a Marcha de Carnide, a melhor letra para a Bica e a melhor composição original para a Freguesia. - Campolide e Tomar ficaram em 4º e 5º lugares.

Os 16 Casais de Santo António também desfilaram e foram muito acarinhados pelo público; mesmo com a música "bembar" nas colunas do recinto, entraram com os gritos "A noiva é linda! vim das bandas!"

Este ano, a 85.ª edição das Marchas Populares de Lisboa era subordinada aos temas do Oceano Atlântico como "mar de encontros" e "Passado e Presente - Lisboa, capital ibero-americana de Cultura".



2354

[FACEBOOK](#) [TWITTER](#)

Os moradores e comerciantes da zona histórica da capital vivem uma relação de amor-ódio com os turistas. Se por um lado há mais trabalho e mais

Os moradores e comerciantes da zona histórica da capital vivem uma relação de amor-ódio com os turistas. Se por um lado há mais trabalho e mais dinheiro a circular, por outro, faltam-lhes vizinhos portugueses, o sossego a que estavam habituados e espaço para os lisboetas viverem

Ainda faltam um par de horas para que o grupo se junte, mas Luana sai de casa já trajada para a marcha dessa noite. Para os vizinhos, ela é a Luana, a neta de Teresa que vende ginjinha na rua de São Miguel. Para os turistas que

passam, ela é sinal de postal de férias perfeito. Não mentimos quando dizemos que são pelo menos trinta os franceses que a rodeiam entre flashes e aplausos. "Vá filha, tira só mais esta que o senhor 'tá a pedir", insiste Teresa, perante o revirar de olhos da neta.

Em vésperas de Santo António, não faltam momentos dignos de fotografia. Teresa quer que sejam aproveitados, até porque como moradora do bairro, acredita que não falta muito para que os turistas venham só fotografar as paredes das casas degradadas. "Qualquer dia já não há a dona Lita, a Carminda ou o dono do café ali da frente", comenta, lembrando uma Alfama que sempre teve gente na rua, confusão e vozes a falar alto. "As pessoas vinham para a rua passar a ferro, descascar batatas, fazer renda", conta. Agora só se houve falar inglês e o prédio onde nasceu – "foi mesmo, que a minha mãe nem teve tempo de ir à maternidade" – é mais um dos hostels que servem de albergue a quem vem de fora para viver uma Lisboa por dentro.

Nem de propósito, "Não toquem na minha Alfama" é o tema que o bairro, campeão do ano passado levou este ano a concurso na Avenida da Liberdade. "Não temos nada contra os turistas atenção", avisa Maria do Carmo enquanto descansa junto à banca pronta para mais logo vender sardinhas assadas, "mas tem que haver um limite". Com o coração – e a carteira – dividido, Maria sente falta de ver o bairro cheio de "pessoas das nossas" e tem pena que aos 48 anos não consiga ter os filhos como vizinhos. "Com T1 a 790 euros, quem é que consegue viver aqui?". A pergunta é retórica e inevitável é o encolher de ombros assim que se fala naquilo que o turismo trouxe de bom. "A mim trouxe-me emprego", garante. Atualmente, Maria do Carmo faz limpezas em 30 casas destinadas ao arrendamento turístico em Alfama e Castelo.

Edição Online do Jornal I
16/06/2017



Reportagem do Jornal I, nº 2476, 6/07/2017



Este ano não vim mas no ano passado sim. Saía de Castelo Branco às 18h30, chejava às 21h15, assistia aos ensaios, ia para cima à meia noite, deitava-me às duas e meia e levantava-me às 7 menos um quarto. É uma loucura. Este ano não consegui, por razões físicas. Mas vim duas vezes por semana.

E trabalhou dia 13?

Pus o dia 13, antevedendo que podíamos ganhar (risos). Mas fui trabalhar no dia 14 e toda a gente manda mensagem, alguns com as bocas do costume, que isto está tudo comprado. Todos os anos os jurados mudam, não os conheço. Enquanto acharrem que é por aí nós vamos continuar a ganhar. Há seis ou sete marchas que percebem porque é que ganhamos: são os que competem connosco.

Mas qual é a explicação?

O rigor, a aposta na qualidade e encararmos isto com uma coisa séria. Se eu tenho 30 mil euros gasto-os na marcha, não os uso para fazer face a outras despesas da coletividade. Há marchas que oito dias antes de irem ao pavilhão não têm ainda os 50 marchantes completos. Se nós aqui desde o início dos ensaios temos cá 50 pessoas todos os dias, como é que uma marcha que não faz isso pode ousar pensar que o resultado é o mesmo?

Destaque da entrevista de João Ramos ao Jornal I, nº 2476, 6/07/2017



Aldo Alcota - Acrílico s/ cartão, 32x23,5 cm, 2017

“Al.em Marcha”

A minha mãe adorava ver as marchas. O meu pai, por trabalhar no Diário Popular, foi, em algumas ocasiões, padrinho de casamento de noivos de Santo António. Eu, por ter nascido na freguesia de Santa Engrácia, de certo modo uni-me à minha mãe e ao meu pai, numa espécie de elo com Alfama. A minha relação com a Galeria Perve e o convite “de Carlos Cabral Nunes para participar no projecto “Al. em Marcha”, cimenta definitivamente esse elo. Mas que caminhos se miscigenaram na minha Alfama?

Tenho desde há algum tempo a convicção de que vivemos num grande parque temático, composto de infinitos parques temáticos, como num jogo de espelhos de uma sala de provas de roupa.

Mary Ashton fala do conceito de parque temático e da ligação intrínseca que existe entre cultura e comércio, geradora de significações no domínio da relação representação/realidade, sendo aceite que aquilo que se frui, em modo de espectáculo, são signos ou representações. A mesma autora cita Soja, que refere que «parques temáticos são híbridos contemporâneos, equivalendo-se a modelos mutantes que servem como laboratórios civilizacionais que têm a sua arquitectura limitada à simbologia e à estética, possível apenas como uma experiência isolada e bem definida».

As marchas, tal como as comprehendo, configuram este modelo de evocação e de reconstrução imagética contemporânea, pelo que a palavra nostalgia deixa de ser um substantivo piegas. Na contemporaneidade, nostalgia pode ser uma emoção que se experimenta num qualquer espectáculo em directo, confirmando as palavras de Baudrillard “quando o real já não é o que era, a nostalgia assume todo o seu sentido”. A identificação ou a indiferença assumem-se assim num monólogo inevitável com o mundo das imagens e por isso as relações que os seres humanos estabelecem com a imagética que geraram e à qual constantemente vão atribuindo nova significação, produzem um fenómeno de reconstrução epistemológica, a que alguns chamam Cultura Visual.

À luz das ideias que por estes dias me vão fazendo companhia, entendo debruçar-me sobre as marchas com dois trabalhos, ambos processando toda a representação simbólica no domínio da desestruturação/reconstrução, através de uma simulação do mundo real. De novo, Baudrillard, ao dizer que «simular é fingir ter o que não se tem e que toda a acção humana é simulacro», leva-me a pensar que toda a acção artística é simulacro e toda a arte, particularmente a do princípio deste século, se torna definitivamente num brevíario da (in) compreensão do mundo.

Assim, desta reflexão nasceram dois dispositivos, duas invocações de Tronos de Santo António, ou casas para Santo António, duas simulações de uma outra simulação. Um painel de nove pinturas em técnica mista sobre vários tecidos, com personagens inspiradas nas figuras de barro de Rosa Ramalho. Um outro, uma assemblage, numa colaboração com o pintor Vicente Santos, com o pintor Ricardo Coixxo e com a cineasta Diana Monteiro Leite em que foi revisitado o carácter de instalação que os tronos assumem, por exemplo, quando construídos pelas crianças como grandes mealheiros de “moedinhos para o Santo António”.

Para concluir; lembrando o espírito das palavras de Carlos Cabral Nunes, quando fala de caminhos futuros, refiro que o projecto “Al. em Marcha, ao celebrar a história, a carga simbólica e a imagética constantemente reescrita das marchas de Alfama, celebra-lhe o futuro. E no convite feito aos artistas contemporâneos para trazerem as suas reflexões as suas abordagens, estará décrito a contribuição para a reconstrução epistemológica de que falei.

Envendos, 27 de agosto de 2017
João G. Ribeiro

Bibliografia/Webgrafia

Jean Baudrillard, (1981), Simulacros e simulação, Lisboa: Relógio d'Água
Mary Sandra G. Ashton, (1999) Revista Famecos, nº 11, Porto Alegre. Documento PDF, pp. 64-74. Acedido em 26 de Agosto de 2017, em: <http://bit.ly/2vTDn4j>

Site Specific

Projecto de Arte Contemporânea

realizado em co-curadoria por:

Carlos Cabral Nunes e João Ribeiro



João Ribeiro - Trono, Políptico 210x210 cm, 2017



Joana BC - Senhora
Tinta e acrílico s/ papel
39,5 x 29,5 cm, 2014



Joana BC - A Papisa dos Grandes Invisíveis
Tinta e acrílico s/ papel
42 x 29,5 cm, 2014



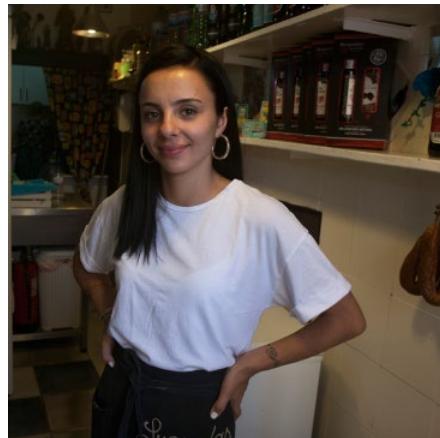
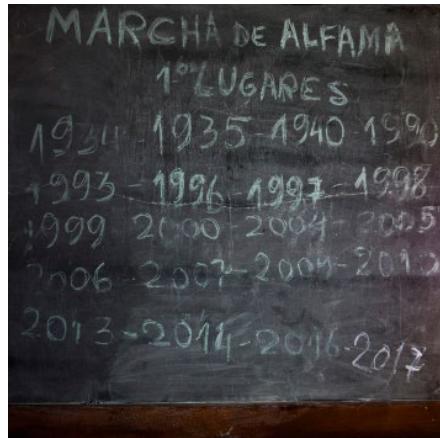
Joana BC - Dando de comer aos Grande Invisíveis
Tinta e acrílico s/ papel
42 x 29,5 cm, 2014



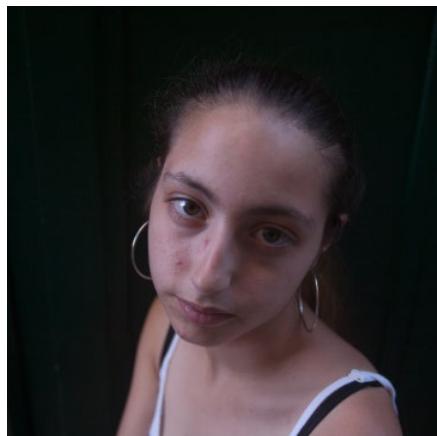
Joana BC - O Ermita e a feiticeira criando novos invisíveis
Tinta e acrílico s/ papel
29,5 x 42cm, 2014



Joana BC - Um Grande invisível segurando um objecto sagrado
Tinta e acrílico s/ papel
42 x 29,5 cm, 2014



Céu Guarda - Mulheres em Marcha, 2017
Ensaio Fotográfico



uma carta

em forma de histórias, pequenas e grandes, pessoais e não só,
para Alfama

(...) Nunca saberemos o suficiente para sermos intolerantes.

(...) O que nos caracteriza e nos distingue uns dos outros deve ser considerado como elemento de enriquecimento mútuo – não como de separação, de indiferença ou de ignorância".

Guilherme d'Oliveira Martins,
a propósito do livro "Linguagem e Silêncio
– Ensaios sobre literatura" (ed. Gradiva, 2014), de George Steiner,
in jornal "As Artes entre as Letras", 14.06.2017

Confesso, como já o fiz repetidamente no passado e de várias formas, a grande surpresa que tem sido, para mim, a vivência em Alfama desde que, sem nada o fazer prever, aqui cheguei para ficar, até hoje e mais além, suponho. Foi isto num dia específico cuja data é 15 de Março do ano 2000. Eu ainda não tinha 30 anos e de Alfama quase nada sabia nem nutria por ela qualquer espécie de interesse. Falo dela porque é assim que é por aqui tratada, no feminino.

Sabia de Alfama mais pela vivência alheia do que por experiência própria, já que aqui nunca tinha vindo antes desse mês de Março. O Artur Bual, de quem continuo a ter muitas saudades, havia morrido menos de um ano antes e, pela sua boca, soube que tinha vivido (e pintado) durante vários anos em Alfama, terra-bairro da família da sua mulher, carinhosamente tratada por Dona Gui (de Guilhermina). O Bual dizia-me, muitos anos antes e meio a brincar, que em Alfama as mulheres trazem uma faca na liga. Isso era também um aviso, para que eu não tivesse ensejo de catrapiscar alguma das suas sobrinhas mas o aviso ficou-me a

trabalhar o inconsciente. De maneira que isso e o meu caminho visual, estético e conceptual me afastaram, até essa altura, de Alfama e de todas as manifestações que, sinceramente, nada me interessavam, dado o meu labor em torno da pós-modernidade e das últimas conquistas no campo vasto da Arte, de onde o multimédia interactivo era o eixo central na minha pesquisa e desenvolvimento.

Calhei vir a Alfama porque um (extraordinário) coreógrafo e bailarino cabo-verdiano, Manu Preto, veio fazer uma residência de criação artística ao abrigo do extinto e saudoso festival "Danças na Cidade" e eu, tendo-o conhecido e integrado no 1º Encontro de Arte Global (Amadora, Dezembro de 1999), vim a este bairro (sem fronteiras definidas no mapa) buscá-lo para preparamos um espectáculo de Arte Global que apresentámos em conjunto no também desaparecido espaço do Fala-Só, que era um local onde muita da modernidade alternativa se fez, ainda que durante um curtíssimo período, para os lados do Bairro Alto. Lisboa, aliás, está cheia destes locais falecidos onde, meteoricamente, se passaram algumas das manifestações mais fascinantes da arte underground da cidade, de que os jornais e os críticos actuais ainda nada ou pouco sabem mas que os vindouros trataram de resgatar para memória futura. Lembro, de passagem, um outro local de intenso movimento artístico que existiu, qual cometa, durante um tempo, o Cefalópede, que é hoje um condomínio privado onde habitam turistas, na encosta do Castelo, mas isto já é um desvio ao caso central desta narrativa, que urge terminar.

A minha história com Alfama começa, pois, nesse dia 15 de Março de 2000, pelo final da manhã, estando eu sentado num banco-de-jardim, que ainda lá está ao fundo das Escadinhas

dos Corvos. Dia magnífico, ensolarado depois das chuvas e do frio, aquecendo-me a alma. Tudo límpido, de uma clareza evidentemente reconfortante. Eu decidido a aproveitar o tempo, enquanto esperava que o amigo Manu chegassem, contemplando em volta e detendo-me numas portas pequenas e ruinosas de mais um dos edifícios em pré-colapso que abundavam por aqui, nesse tempo. Ali, um papel escrito anunciando a venda ou aluguer do imóvel e eu, mais para distrair do que pela curiosidade, a ligar. Do outro lado, uma senhora distinta hoje envelhecida e a braços com a natural falta de saúde que a longa idade acarreta sempre, convidando-me a visitar o espaço. Eu a ir na conversa e a querer passar melhor o tempo. Toquei à campainha de quem tinha a chave. Era Dona Esmeralda, de avental permanente, mulher que apresentava ter muito mais idade do que na realidade tinha. O envelhecimento precoce por aqui, entre os locais, é uma espécie de herança fatal que persegue as sucessivas gerações de habitantes. Mostrou-me as lojas, avisando-me que estavam uma desgraça. Ainda hoje não acredito que não as tenha visto assim, sobretudo quando revejo as fotografias que fiz nessa visita inicial.

Mais tarde, nesse dia, quando trouxe aqui o meu sócio de toda a vida, Nuno Espinho, para que comprovasse o que eu havia descoberto, ele foi tomado pelo mesmo fenômeno. Não nos demos conta de onde estávamos adentrando. Esse processo dura até hoje. Esta descoberta de onde estamos e que é isto, este bairro fantasma que, sem sabermos, adoptámos como nosso e fomos por ele adoptados, num movimento natural de trepadeira amarrando-se às árvores em volta para ascender aos céus, com todos os conflitos que isso gera, as tensões porque todos precisamos de luz, claridade objectivada na vivência primordial. Confesso, pois, que as Marchas, o povo daqui, os lugares e

as coisas, são como pedras espalhadas pelo chão, todas se parecendo iguais a um olhar rápido, desatento. Que a percepção correcta disto só é possível, como na Arte (e para citar Nadir Afonso), através da aquidade do olhar. Do tempo para que essa maturação da percepção se produza perene dentro de nós. Foi isto que me ocorreu, em muitos momentos, por aqui mas só ontem, após assistir à celebração da vitória da Marcha de Alfama, que acompanhei, fotografando o longo cortejo pelas vielas deste bairro secular, é que me dei conta do que faço aqui e da importância (capital) das suas manifestações populares, das suas gentes e da sua cultura.

Sendo certo que muitas ameaças pairam sobre tudo isto, do turismo de massas que empurra os aqui nados para fora, à arrogância de muita gente que se julga (como eu, em tempos) conhecedor e despreza isto, há uma que é, para mim, a maior de todas: a de que deixe de fazer sentido para os próprios estarem nisto. Daí que esta exposição tenha adquirido formas sucessivas, que as alterações ao nome e o sub-título foram procurando enquadrar mas que, no fundo, só aqui é possível declarar, para quem tiver conseguido resistir à tentação de desistir de me ler (como eu, de certa forma, o fiz em relação a Alfama): trata-se de uma declaração de Amor, finalmente, a um bairro onde não nasci e uma homenagem a uma cultura que, sendo popular e não me sendo natural, por via de um profundo respeito, construído degrau-a-degrau, me obrigo defender.

Nas páginas seguintes, procuro fazer um relato, também visual, do que vivi nestes dias com a (vencedora) Marcha de Alfama.

Carlos Cabral Nunes, 17 de Julho de 2017



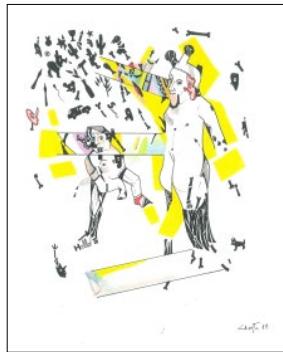
Só depois repararei nas carências de uma vida dura
desde que se faz nascimento.
Só depois me lembrei de que o sorriso é uma porta
que se adentra para que possamos contemplar o que
leva no seu âmago.

foto: José Chambel / texto: Cabral Nunes



E eis que chegam, seres nada usuais, parafraseando Cesarin, alterando-o, “gente-gente, olhos, nariz, bocas, gente feliz”, gente possivelmente infeliz guardando tristezas para outras horas onde o recolhimento se faça desposar pelo inefável silêncio, neste tempo impossível.

foto e texto: Cabral Nunes



Aldo Alcota
Técnica mixta s/papel,
26 x 21,7 cm, 2017



Aldo Alcota
Técnica mixta s/papel,
26 x 21,7 cm, 2017



Aldo Alcota
Técnica mixta s/papel,
26 x 21,7 cm, 2017



Aldo Alcota
Técnica mixta s/papel,
26 x 21,7 cm, 2017



Aldo Alcota
Técnica mixta s/papel,
26 x 21,7 cm, 2017



É um trabalho que vejo ser árduo, no suor respingando, no rubor encimando os corpos, não apenas de quem aparece engalanado, de quem se faz visível à força do deslumbre. É naqueles que se tornam invisíveis para que tudo brilhe, nos que fazem dos braços troncos, de onde se erguem estátuas que não são de sal, nem de glória vã.

foto: José Chambel / texto: Cabral Nunes



Lília Manfroi - Babel
Água Forte e Água Tinta,
13 x 8,5 cm, 2011



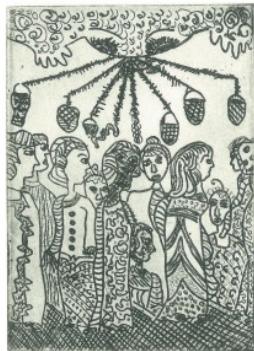
Lília Manfroi - Exposição
Água Forte e Água Tinta,
6 x 7,4 cm, 2011



Lília Manfroi - Fantasiados,
Água Forte e Água Tinta,
10 x 15 cm, 2012



Lília Manfroi - Encontros
Água Forte e Água Tinta,
13 x 8,5 cm, 2016



Lília Manfroi - Festa
Água Forte, 8,3 x 6 cm, 2013



Lília Manfroi - Santo do Pau Oco
Água Forte, 8 x 5,5 cm, 2013



Lília Manfroi - Casal Carnaval,
Água Forte, 10,5 x 9,6 cm, 2015



Lília Manfroi - Fantasias
Água Forte, 10,1 x 9,8 cm, , 2016



Como dançar, permanecendo, captar, tecer um amanhã, sendo?

foto: AUroRA / texto: Cabral Nunes



Ricardo Coixxo - Onde em cada esquina há um bailarico
Técnica mista, 200x200cm, 2017



Sónia Aniceto - Cartografia de uma Ponte, 2017
Óleo s/ tela, bordado ponto livre, costura, tecidos diversos
145x300 cm



Começo pelo beijo, pois que o Amor se consuma, antes que tudo, no espaço silêncioso de um beijo. No caso, de Amor fraternal, lindo, belíssimo.

foto: José Chambel / texto: Cabral Nunes



É a devoção a este homem-Fernando, feito António-Santo, que move montanhas, faz mexer os corpos e enrouquecer as gargantas ou foi a devoção deste que nos fez ser gente, desde o início?

foto: José Chambel / texto: Cabral Nunes

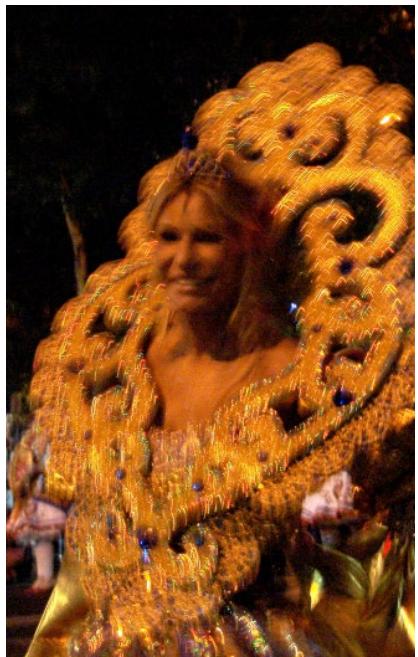


Desapareceremos, sim. Desaparecemos ainda carne, sangue, artérias, músculo, dor intensa e sede permanente. Mas sim, desaparecemos enquanto viventes criaturas aladas. Estonteantes criaturas, estonteando, volteando mais uma vez antes da quebra do tempo e do esquecimento.

foto e texto: Cabral Nunes



Leonel Moura, projeto "Fatos para Marchas de Alfama", marcadores sobre tela, 152x123cm e 80x110cm, 2017



Resta-nos o imaginário, onde pululam peixes, rosáceas, seres enebriados ante a estúrdia e um eco d'infinito mesmo se já sombras desfazendo-se no dealbar do fim.

foto:AUroRA / texto: Cabral Nunes



O prazer inspirado dos sons transformando-se, cor e movimento, pela acção do sentimento puro de quem vê e quer fazer crescer um ramo de orquídeas onde antes era só deserto e silêncio desesperador.

foto e texto: Cabral Nunes



Quereria de ti uma flôr resiliente, se ainda existissem jardins sagazes, frutos amarelecendo no interior de semente casta - verdade limpa dizendo o que vimos.

foto e texto: Cabral Nunes



Mimi Fossard - Toco solidó,
Políptico - Acrílico sobre papel, dimensões variáveis, 2017



E há gente capaz disto, de um sorriso com destreza,
de uma voz firme comandando, na subtileza dos
gestos, do esgar que se fez, a um mesmo tempo,
dádiva e devoção.

foto e texto: Cabral Nunes



A criança, fazendo-se adulto,
por força da convicção num
algo a dizer, fazer, sentir ou a
símbiose dos contrários?

foto e texto: Cabral Nunes



Há, por detrás do muro que o sorriso e a fala
erguem, uma profunda renúncia, uma entrega e um
voto renovando-se de amor perene que resiste ao
tempo e ao cansaço, restando a beleza em temporal
anunciando-se.

foto e texto: Cabral Nunes



Joana BC - Entidade dos múltiplos olhos,
Traje e oferenda, Técnica mista, 2017



Ana Maria - Jorge O Castelo e a Doce Laranjeira,
acrilico s/ tela, 30x60 cm, 2017



Joana BC - Entidade das múltiplas mãos,
Traje e oferenda, Técnica mista, 2017



O princípio da leveza, sem incertezas nem exitação. Os corpos retendo a dúvida, tudo expectativa e dádiva. Tudo se fazendo nervo e sangue pulsado nas veias, com os corações já transbordantes, saindo do peito, abrindo-se nas costas delas, fazendo-se união, bailado de almas que podem até ser metáfora de naufragos mas recusam-lhe a condição.

foto e texto: Cabral Nunes



Catarina Albuquerque - The Last Time I Died
Técnica mista s/ papel, 41x28,5 cm, 2013



Catarina Albuquerque - Thankful
Técnica mista s/ papel, 41x28,5 cm, 2013



Voltamos ao início, onde celebração e conquista se fundem, dando azo à alegria reverencial dos amantes.

foto e texto: Cabral Nunes



“E todos me seguem, eu que sou o tempo
e o vento, num mormurio de madrugada
anunciada.”

foto: Graça Rodrigues / texto: Cabral Nunes



Catarina Albuquerque - Monotipia
Técnica mista s/ papel, 41x28,5 cm, 2013



Catarina Albuquerque - Monotipia.
Técnica mista s/ papel, 90x60cm, 2013



Catarina Albuquerque - Untitled
Técnica mista s/ papel, 41x28,5 cm, 2013



Nos adereços da Marcha, reparo no óbvio: Alfama e Amor partilham um mesmo início, seguindo caminhos que se afastam e retornam, sempre com um A, de “Ama, como a estrada começa”, de Cesariny.

foto: José Chambel / texto: Cabral Nunes



Renova-se um ciclo, que poderia ser interminável se sob a sua base não existissem rumores desfazendo a crença, qual térmita desconhecida num altar iluminado.

foto: e texto Cabral Nunes



Manuel João Vieira - Sem Título
Óleo sobre tela, 90x70cm, 2017



No final, restaremos isto, sombras acinzentando-se no calor do tempo mas voz, sangue, lágrimas e riso ecoando no fulgor dos astros que somos e fomos tecendo, laboriosamente, com a dádiva dos corpos e o rumor dos gestos.

fotos e texto: Cabral Nunes



Carlos Zíngaro - Feira de (algumas) Vaidades
Óleo s/ tela, 50x70cm, 2017



Catarina Albuquerque - White Heart
140 x 106 cm , Neon s/ plexiglass, 2015



João Ribeiro, Diana Monteiro Leite, Vicente Santos e Ricardo Coxixo - Trono
Dimensões variáveis, Assemblage madeiras tecido e vídeo, 2017



Imagens do filme “Ode à Marcha”, de Laura Moreno
11 Min. | Cor | Digital, HD 1080p

“O filme debruça-se sobre o passado, presente e futuro da Marcha de Alfama pelo olhar dos seus representantes, numa reflexão acerca do papel da tradição na construção da identidade coletiva e a sua possível ameaça perante um cenário de mudança.”



AR LIVRE **ARTES** **CINEMA** **CIÉNCIA** **CRIAÇÕES** **DANÇA** **FEIRAS** **LITERATURA** **MÚSICA** **TEATRO**
VISITAS GUIADAS

AL EM MARCHA
ARTES / EXPOSIÇÕES / COLETIVAS
21 out a 16 dez'17
Tar a sáb: 14h-20h

DESENHAR & PINTAR LX
FOTOGRAFIA / CERÂMICA E
PINTURA EM AZULEJO
2017/2018
ARTES / CURSOS / ENCONTROS

TIME CAPSULE
A Revista Aspen, 1965-1971
ARTES / EXPOSIÇÕES / OUTRAS
14 out a 7 jan'18

LOURENÇO DE CASTRO
Atlas 2009/2017
ARTES / EXPOSIÇÕES / PINTURA
4 a 23 nov'17

COLEÇÃO DE SELOS
CLÁSSICOS "D. LUIS I, FITA
COPADA E FITA DIREITA, 1864 A
1884"
ARTES / EXPOSIÇÕES / OUTRAS
Até 31 dez'17

CIÉNCIA
CINEMA
CRIAÇÕES

LOCAL



Notícia sobre a exposição na Agenda Cultural de Lisboa.
Ao lado frames do programa “As Horas Extraordinárias” da RTP



Imagens da inauguração da exposição "Além Marcha" na Perve Galeria | Núcleo Contemporâneo.
Em cima à esquerda Nuno Espinho Silva, Tim e Carlos Cabral Nunes.



Imagens da performance organizada especialmente para a inauguração da exposição “Além Marcha”





Imagens da inauguração da exposição “Al.em Marcha” Sociedade Boa União | Núcleo Histórico

Reportagem do Público Online, 4 de Junho de 2017

Alfama põe na marcha a defesa de um bairro em mudança "Não toquem na minha Alfama" é o tema que o bairro, campeão em 2016, leva este ano ao concurso da Avenida. É uma marcha pela tradição e pelas raízes, mas não é contra ninguém.

Passamos rente às bancas de manjericos, desviamos-nos dos bancos corridos, bailamos um pouco para que o empregado com a travessa de sardinhas não nos espete os peixes na cara, subimos degraus, paramos para deixar passar turistas com malas de rodinhas, resistimos às insistências para beber ginjinha, cheiramos no ar para perceber se é chouriço ou entremeeda aquilo que nos chega, subimos mais um pouco, apreciamos a azáfama imensa, paramos.

Começou Junho, já não se pensa noutra coisa. Lisboa está engalanada para festear o seu santo de eleição como mandam as regras e, nas vielas de Alfama, está quase tudo pronto. Aproveitam-se as últimas horas do primeiro dia do mês, uma quintafeira, para receber condignamente a enchente que se espera na sexta. Montam-se os grelhadores, colocam-se as fontes de cerveja, penduram-se as fitas e as lanternas.

Também se trabalha com afinco no Centro Cultural Dr. Magalhães Lima, já a meio da encosta que trepa para o Castelo. É aqui que se ensaiá a marcha de Alfama, vencedora do concurso de 2016 e que, este ano, vai para o Meo Arena e para a Avenida da Liberdade defender um bairro em profunda mudança. "Não toquem na minha Alfama" é o tema da marcha.

Nada de novo, atenção. Não toquem na minha Alfama, letra de Amadeu do Vale, música de Raul Ferrão, foi o tema que os marchantes levaram ao concurso de 1950 e que depois se immortalizou em vozes como a de Júlia Barroso. Novos e velhos, muitos alfamistas conhecem de cor estas palavras: "Oh minha Alfama/Que tens sido baluarte/Do velho Tejo/Que anda sempre a namorar-te/O meu balão/Cheio de luz quando passa/Vai na marcha a dar a dar/Parece até que o mar lhe deu aquela graça".

Não foi um acaso a escolha deste tema, 67 anos depois de ele ter sido composto. Mandam as regras das marchas que cada bairro leve um tema antigo, a marcha de Lisboa e duas marchas originais. Sobre estas últimas nada podemos dizer, para já: Alfama apresenta-se a concurso este domingo no Meo Arena e, como em tanta coisa da vida, o segredo é a

alma do negócio. Também jurámos que nada diríamos sobre os fatos, os arcos e os passos que os marchantes vão apresentar. Mas do tema podemos falar, não é segredo nenhum. João Ramos, tesoureiro do Centro Cultural Dr. Magalhães Lima e um dos responsáveis pela marcha, explica a opção. "Alfama, em termos de tecido social, está a transformar-se completamente", diz, a poucos minutos de começar o último ensaio. "Nós não podemos evitar isso e o que queremos é dizer: 'Sejam bem-vindos, estamos cá para partilhar a nossa cultura, mas têm de ter noção de que nós já cá estamos'."

Não foi um acaso a escolha deste tema, 67 anos depois de ele ter sido composto. Mandam as regras das marchas que cada bairro leve um tema antigo, a marcha de Lisboa e duas marchas originais. Sobre estas últimas nada podemos dizer, para já: Alfama apresenta-se a concurso este domingo no Meo Arena e, como em tanta coisa da vida, o segredo é a alma do negócio. Também jurámos que nada diríamos sobre os fatos, os arcos e os passos que os marchantes vão apresentar. Mas do tema podemos falar, não é segredo nenhum. João Ramos, tesoureiro do Centro Cultural Dr. Magalhães Lima e um dos responsáveis pela marcha, explica a opção. "Alfama, em termos de tecido social, está a transformar-se completamente", diz, a poucos minutos de começar o último ensaio. "Nós não podemos evitar isso e o que queremos é dizer: 'Sejam bem-vindos, estamos cá para partilhar a nossa cultura, mas têm de ter noção de que nós já cá estamos'."

Não há aqui nada contra o turismo nem contra os turistas, diz Mário Rocha, vulgo Marító, presidente da colectividade. Pelo contrário, o intuito é que haja harmonia. "Nós só não queremos é estragar as nossas raízes. Porque se acabamos com as raízes, não temos mais nada."

"Se o que fazes por Alfama é ter nascido aqui, então fazes muito pouco." Nove e tal da primeira noite de Junho, na rua um calor que não pede manga comprida. Os marchantes vão entrando para o grande salão do centro cultural, a banda entreteve-se a tocar Despacito, a música latina que não deverá passar de moda antes do fim do Verão.

Este é o primeiro ano em que a marcha não conta com a mestria de Carlos Mendonça, o famoso "Mourinho das Marchas", que em 20 anos conseguiu trazer o caneco 13 vezes para Alfama. Mendonça troucou este bairro pelo Alto do Pina em 2010 e no seu lugar ficou a ensaadora Vanessa Rocha, mas ele nunca se desligou completamente.

Tanto que, só este ano, depois da morte do coreógrafo em Setembro passado, é que os responsáveis do centro cultural pensaram em recuperar. Não toquem na minha Alfama. Carlos Mendonça "odiava esta marcha", segundo João Ramos. "Quando acontece qualquer coisa nos ensaios, um percalço qualquer, brincamos 'lá está ele'", ri-se o tesoureiro.

Parece que a escolha não podia ter sido mais adequada. "A maior parte das pessoas está revoltada com o que se anda aqui a passar", comenta Dália Ferreira, uma moradora do bairro que canta a marcha a plenos pulmões e veio dar uma espreitadela ao último ensaio. "O turismo aqui no bairro... Parece-me que é daí que vem a escolha, mas não tenho a certeza." Sim, é daí, mas sem conflitos, sublinham João e Marító. "Há coisas essenciais do bairro – as marchas, os arrais, as sardinhas assadas – em que não podem tocar. Queremos que haja uma boa simbiose entre todos", diz João Ramos. E, acrescenta, a mensagem da marcha vai direitinha para os próprios lisboetas e alfamistas. É um incentivo à ação. "Os portugueses têm memória muito curta. Quando chegámos cá, já cá estavam outros. Ninguém é daqui, propriamente dito. Se o que fazes por Alfama é ter nascido aqui, então fazes muito pouco", sentencia.

Nisto aparece um casal de holandeses. Ouviram a música lá fora e perguntaram se podiam vir ver. Estão, obviamente, "delighted", porque "it doesn't get more typical than this". Acabaram de aterrar de Amesterdão e logo lhes calhou em sorte uma experiência destas. Não fazem ideia do que cantam os marchantes, mas acham muito bem que queiram defender as tradições do bairro. "Afinal, é por isso que nós cá vímos." Este domingo começa a chegar ao fim um percurso com muitos meses para todos os outros bairros onde as marchas são o epicentro da vida comunitária. Alfama está na corrida para vencer, mas acima de tudo quer ganhar a batalha pela tradição. "Que ganhe a melhor. Que Deus seja justo", vaticina Dália.



Sede da Sociedade Boa União.



Porta da Sede da Sociedade Boa União.

FICHA TÉCNICA

PROMOTOR – APPA

Associação do Património e População de Alfama

PARCEIROS

Sociedade Boa União

Trabalhar com os 99%, Crl.

Left Hand Rotation

Perve Galeria

PARTICIPARAM NA PREPARAÇÃO

DESTA EXPOSIÇÃO

APPA - Associação do Património e População de Alfama

Lurdes Pinheiro, Cláudia Moura

SOCIEDADE BOA UNIÃO

Vânia Simões, Vasco Simões.

TRABALHAR COM OS 99%

Paula Miranda, Tiago Mota Saraiva, Andreia Salavessa, Marta Vieira, Inês Sebastian, Raquel Coronel, Carolina Battle y Font, Mariana Robalo, Cristina Romão, Diana Amaral, Ana Rita Nunes, Adriana Gil, Mário Freire, Manuel Costa

PERVE GALERIA

Carlos Cabral Nunes, Nuno Espinho da Silva, Graça Rodrigues, Nelson Chantre, Susana Soares Batista

MORADORES DE ALFAMA

Andreia Camacho, Bruna Oliveira, Jaques Dubois, José Gomes, Ruben

DOCUMENTÁRIO

Left Hand Rotation

APOIO

BIP/ZIP – Bairros e Zonas de Intervenção Comunitária – Câmara Municipal de Lisboa

OUTROS APOIOS E PARCERIAS

Academia Recreativa Leais Amigos

Lusitano Clube

Museu do Traje

Museu do Fado

A Voz do Operário

El Corte Inglés

Atelier São Vicente

AGRADECIMENTOS

a todos os alfamenses que tão bem acolheram este projecto e em particular àqueles que tornaram possível esta exposição.

TRAJES CEDIDOS POR

Carolina Guimarães, Aníbal, Marco Porfirio, Etelvina Pereira, Fernanda, Jorge, Bela.

ARTISTAS PARTICIPANTES - Núcleo patente na Perve Galeria

Ana Maria, Aldo Alcota, AUroRA, Cabral Nunes, Carlos Zíngaro, Catarina Albuquerque, Céu Guarda, Joana BC, João Ribeiro, José Chambel, Leonel Moura, Lília Manfroi, Laura Moreno, Manuel João Vieira, Mimi Fossard, Regina Frank, Ricardo Coxixo e Sónia Aniceto.

OBRAS INCLUÍDAS - NÚCLEO HISTÓRICO

Patente na Sociedade Boa União

Cruzeiro Seixas, Ernesto Shikhani, Fernando José Francisco, Fernando Aguiar, Francisco Relógio, José Escada, João Ribeiro, Luísa Queirós, Manuel Figueira, Mistério, Pancho Guedes, Sérgio Santimano, Sónia Aniceto



Marcha de 47, Autor desconhecido
Pintura s/ papel



foto: José Chambel | Preparativos dos marchantes antes do desfile na Av^a da Liberdade, 12 Junho, 2017

Perve Galeria

Rua das Escolas Gerais 17/19
Alfama, 1100-218 Lisboa



www.pervegaleria.eu
galeria@pervegaleria.eu
Horário: 3^a a sábado das 14h às 20h
tel. 218822607/8 - tm. 912521450



Iniciativa integrada no
3.º Encontro de Arte Global

Transportes: Metro St^a Apolónia [Linha Azul]; Eléctrico 28
Estacionamento: Lg^a Igreja S. Vicente de Fora; Lg^a Feira da Ladra
[excepto 3^a fe e sábado]

Sociedade Boa União
Beco Cruzes 9, 1100-120 Lisboa



Fotografias: Autores identificados

CT-63 | Novembro 2017 | Edição ©® Perve Global – Lda. Proibida a reprodução integral ou parcial deste catálogo, sem autorização expressa do editor.

